

Ano I—N.º 50
18 Julho 1931
Preço 1 Esc.

reporter.

Semanário das grandes reportagens



Um
Arsène Lupin
português

Negociante de cabeças
mumificadas

Os ratos do
Parque
Mayer

reporter.

**semanário de maior
tiragem e expansão
em Portugal**

Grande reportagem e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

**Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país**

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção

MARIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade

ROSSIO, 3, 3.º—TELEFONE: 2 5442—LISBOA
End. Telegr.: **REPORTERX—LISBOA**

Delegação no Porto

R. DA FÁBRICA, 11, 2.º—TELEFONE: 4353

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Bertrand (Irmãos), Ltd.ª,

Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

TABELA DE PREÇOS

3 meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6 " " " " 25 " —Esc.	22\$50
12 " " " " 52 " —Esc.	44\$50

Para as colónias e estrangeiro accrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado



Artigos e Aparelhos Fotográficos

**TRABALHOS EM
TODOS OS GÉ-
NEROS PARA
AMADORES**

**O MAIS BEM MONTADO LABORATÓRIO DO PAÍS
A MAIOR COLEÇÃO DE ÁLBUNS ARTÍSTICOS**

Vendedores para Portugal de duas grandes marcas:

"PERUTZ" (películas)

Rolos 6,5×9 **6\$50**

"ILLINGWORTH'S" (papeis de luxo)

Os melhores preços do mercado

ROIZ, L.ª DA

82, Rua Nova do Almada, 84—LISBOA

Telefone 2 4674

Quereis ter a vossa casa bem guardada?



**Adquiri uma
arma portátil
na casa**

A. M. SILVA

**Pistolas e re-
vólveres de
cal. 6,35 de
várias marcas
e modelos.
Munições para
as mesmas,
Belgas e
Alemãs.**

Novo modelo
**Revólver Smith
& Wesson**
tipo pequeno

ESTABELECIMENTOS

A. M. SILVA

Rua da Betesga, 43 e 67

LISBOA

Rua dos Correiros, 235, 237 e 239

Telefone 2 5424

Deite fóra todas essas aguas, gotas, azeites e
tantas outras drogas que lhe têm impingido
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua
bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.
Constatará que é só

Komol

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe
em sua casa e sem auxilio de ninguem, resti-
tuir a côr natural aos cabelos em **15 minutos**
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-
guem conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos. Re-
presentante M. CABRAL—R. Camilo Castelo
Branco, 20, Telefone N. 3831.— Depositário —
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Praia, 240 —
Telefone 2 1415 — Agente no Porto — A.
QUÁDROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

HOMENS E FACTOS DO DIA

Ninguém...

Os anúncios misteriosos e suspeitos dos jornais são como certas zonas mais fecundas do oceano que ocultam cardumes enormes de peixe: sempre que se mete o anzol, algo morde. Há algumas semanas escrevemos uns comentários a certos anúncios publicados nas gazetas diárias de grande circulação. O reboliço, os sustos, as emoções que esses singelos comentários produziram, nem os nossos leitores podem calcular. Uma senhora pôs as mãos na cabeça e meteu empenhos junto de todos os nossos amigos para que a poupássemos; uma casa comercial de negócio duvidoso mandou propalar pela cidade boatos tendenciosos a nosso respeito. E um cavalheiro, aliás aquele que menos atingido foi, e cuja *personalidade* desconhecíamos, escudou-se na amizade de um velho amigo nosso e seu empregado para junto de nós pedir uma rectificação que prontamente fizemos, cheios de boa fé, num dos números seguin-

Portugal as mais altas influências em seu favor, podendo impunemente praticar todos os abusos, porque (palavras textuais) «os portugueses são uns pretos selvagens que se curvam ante todos os estrangeiros», exerce na *Electrolux* uma verdadeira tirania sobre o pessoal, um pessoal constantemente renovado, porque ele o despede sem lhe pagar em harmonia com a lei. Este Personne sueco, alto e louro, que julga que todos os portugueses são pretos, embora haja pretos portugueses mais nobres de carácter do que ele, pretos que não temem as suas farronças, nem as suas ameaças, deve pedir aos seus deuses que não tratemos de investigar porque razão ele foi retirado da Direcção da *Electrolux* de Madrid. Este Personne, que ainda há pouco tempo gastou em seu proveito dois contos do seu ex-empregado Rosa Gomes, sendo forçado de-

pois a restituí-los aos poucos; este Personne, que emite a cada passo cheques sem cobertura para pagar aos empregados, sabendo de antemão que estes não têm coragem de apresentar contra ele queixa à Polícia; este Personne, que desrespeita as leis, empregando na sua casa estrangeiros, em detrimento dos desempregados portugueses; este Personne, se ainda encontra portugueses de alta posição social que lhe dispensam amabilidades que ele escarnece, que lhe dão uma hospitalidade a que ele não tem direito, é porque — como nós — têm vivido na doce ilusão de que ele é, como apregôa, um cavalheiro honesto, um negociante impecável e um patrão generoso. Se todas as pessoas que alguma consideração lhe dispensam o conhecessem melhor; se as autoridades portuguesas soubessem que ele insulta o povo que o acolhe, há muito que este Personne teria sido mandado para a pátria onde nasceu.

Afinal quem é o Personne? Podemos responder em francês com o seu nome sueco: — Personne...

M. D.

A realidade e os planos

Os cálculos matemáticos, os planos financeiros, os projectos económicos, por mais rigorosas que sejam as estatísticas que lhes servem de base, por mais lúcidas que sejam as inteligências que os concebiam, esboroam-se contra as partidas gaiatas que a realidade se compraz em fazer de surpresa. E os homens ficam, às vezes, assombrados ante o contraste que o seu sonho — por mais matemático e exacto que pareça — oferece comparado com as duras e inverosímeis surpresas da vida. Um grande estadista alinha parcelas, enquadra os acontecimentos económicos da vida de um povo numa cinta férrea de números disciplinados como o exército germânico. Vem esta coisa impalpável e indestrutível, invisível e eterna, que é o Tempo e, silenciosamente, desalinha os números, torna-os inexpressivos, contraditórios e confusos. Os cálculos esvaem-se como nuvens douradas que o vento dispersa. Foi o que aconteceu com o plano Young, que reuniu o produto dos cérebros mais esclarecidos em cálculos. Era um monumento de matemática que se erguia imponente, desafiando os abalos mais pavorosos, e que, uns meses depois, o simples decurso de uns dias sobre outros dias tornou impraticável. A crise económica da Alemanha, isto é, os factos — os factos que o Tempo teceu, como a aranha tece a teia — embaraçaram os grandes financeiros na sua rede, e provaram quanto o cérebro humano é, afinal, reduzido e pequeno quando pretende construir pontes no vácuo, para sobre elas marcharem as suas ambições.

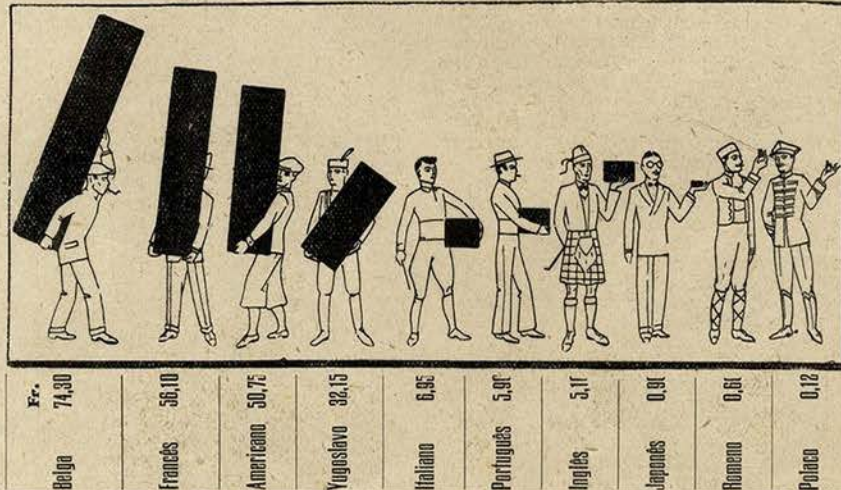
O plano Young era admirável... mas a Alemanha não o pôde cumprir. E como não o pôde cumprir, houve que aceitar a ideia conciliadora de Hoover — a moratória Hoover —, que se traduz num encargo pesado para os credores da Alemanha. Essa moratória traz — segundo os cálculos da revista alemã *Tegebuch* — os seguintes sacrifícios reduzidos a francos, por cada cidadão, das nações que entraram na guerra: Belgas, frs. 74,30; Franceses, 56,10; Americanos, 50,75; Yugoslavos, 32,15; Italianos, 6,95; Portugueses, 5,90; Ingleses, 5,11; Japoneses, 0,90; Romanos, 0,60; Polacos, 0,12.

tes. Ora o anúncio que provocou a rectificação excessivamente amável nem sequer tinha sido atingido por um único comentário nosso. Havíamos limitado a nossa reportagem à simples reprodução desse anúncio tal o encontramos perdido nas colunas de um diário. Não dizíamos se a casa anunciadora era boa ou má, porque na realidade naquela data nada sabíamos. Mas depois da rectificação quasi exigida pelo (vá lá o nome) sr. Emilio Personne, cidadão sueco, director em Lisboa da *Electrolux*, que nos afirmou ser pessoa de inexcusável correcção e lisura nos seus negócios, soubemos que afinal — apesar do elogio em boca própria — alguns factos desmentem as suas boas palavras.

O sr. Emilio Personne não pôde ser uma pessoa de proceder correcto, visto que confessou ante vários indivíduos ter exercido, durante a guerra, espionagem em favor da Alemanha. Ora, a espionagem de guerra é uma actividade tão pouco correcta, tão pouco moral — à face dos códigos ou da simples consciência — que se castiga com o fuzilamento, mesmo nos países onde a pena de morte não existe nas leis para repressão dos crimes mais repugnantes. A espionagem está, portanto, na escala do crime, em hediondez, abaixo do estupro ou do assassinio. Pois este senhor Emilio Personne, que se gaba de ser muito esperto e de outras coisas mais, confessa ter sido espião. Confessou mais: que a policia inter-aliada, suspeitando das suas manobras, lhe enviou na peugada uma linda mulher para o desmascarar, mas que ele, muito inteligente (?), conseguiu desembaraçar-se dela.

Ora, este senhor Personne, que se diz engenheiro, que se gaba de manejar em

Sacrifício imposto a cada cidadão pela proposta Hoover





OS MISTÉRIOS E A DECADÊNCIA DE HOLLYWOOD

...os portugueses, como os outros, balem à porta dos studios, na esperança da glória...

N.º 1—Os portugueses na capital do filme

As causas da decadência—A história de Hollywood—Hollywood por dentro—Quem vive e como se vive na capital do filme—Os portugueses que foram derrotados e os que venceram

HOLLYWOOD, a capital do filme, a Mãe das multidões que sonham: na glória cinematográfica, entrou em franca decadência. Na América do Norte, tudo é vertiginoso; e assim como as cidades nascem e crescem numa velocidade que recorda a das construções litográficas de Epinal, Hollywood, que foi um símbolo máximo desse mecanismo «à la minute», ao surgir do Nada, há-de desaparecer como se alçapões de mágica a engulissem.

Várias são as causas da decadência brusca da capital do filme: o início da derrota do mau gosto arquimilionário dos «yankees» sob o talento, menos endinheirado, dos europeus; o descrédito produzido na alma romântica do restante da Humanidade pelas revelações da imoralidade de Hollywood e, sobretudo, a metamorfose que o cinema sonoro operou na indústria cinematográfica. Hollywood ennegreceu demasiado depressa; neurastenizou-se no abuso de todos os luxos, prazeres e vícios, e acaba em suicídio.

Há poucos meses o *Reporter X* publicou uma reportagem que rabiou mil espantos entre os cinéfilos nacionais, uma reportagem em que certo jornalista mexicano radiografava alguns escândalos da capital do filme. Hoje, reunimos um «dossier» mais completo sobre os «bas-fonds» de Hollywood e vamos revelá-lo, destacando, nesta primeira parte, a vida dos portugueses que, como os utopistas de todo o mundo, foram até à Califórnia, na esperança de serem «vedettes» do «écran»...

Como nasceu Hollywood

A América, até 1914, viveu quase exclusivamente dos filmes franceses, italianos e dinamarqueses, e tanto assim que as principais casas europeias da época: Pathé,

Gaumont, Eclair, Eclipse, Film d'Art, Cines, Torino, Ambrosio, Pasquali, Savoia, etc., possuíam sucursais em Nova York, A Nordisk, de Copenhague, vendia, de cada filme, 150 a 180 cópias nos Estados Unidos, e apenas metade em todos os outros países! A produção nacional limitava-se a umas pequenas casas de Nova York, Boston, Chicago e Filadélfia: American Kinema, Edison, Kalen (especialista em filmes de «cow-boys»), Bisson (especialista em filmes de índios), Selig (em filmes de feras), e só a casa Vitagraph estava organizada à europeia, com um elenco de 120 artistas (Maurício Costello, Norma Talmadge, que começava então, e muitos outros, que... já envelheceram, morreram, ou esqueceram). A guerra debilitou até à anémia a produção europeia, e os americanos viram uma bela oportunidade não só para se bastarem a si próprios como também

para se apossarem dos mercados mundiais. Era preciso criar uma grande indústria, rapidamente, mas para isso urgia-lhes possuir autores, realizadores, «regisseurs», cenógrafos, operadores e artistas. Vieram ao velho continente e contrataram-nos às dúzias, sob promessas de soldos muito superiores aos que ganhavam na Europa. Essa elite de técnicos e «azes» europeus iniciou a verdadeira indústria «yankee», sempre em Nova York, Chicago, etc.; mas ao lado de cada realizador, de cada operador ou atriz estrangeira colocavam eles um aprendiz de realizador ou de operador, ou uma pretendente a «vedette», nacionais, a fim... de aprenderem os segredos da arte; e quando, ao cabo de alguns meses, se julgaram enriquecidos com um pessoal americano competente, reexportaram os europeus...

Havia apenas um atrito a dificultar o desenvolvimento veloz que eles queriam dar à nova indústria. Nessa época ainda os studios não dispunham das constelações perfeitas e completas que hoje possuem. Além disso, os «exteriores» eram muito mais frequentes. Ora, nestas condições, o sol fazia-lhes imensa falta. O mau tempo quase constante das cidades onde eles estavam instalados obrigava-os a prejuízos graves. A única defesa que usavam era o de filmarem nos studios os «interiores» de uma série de 5 ou 6 películas, e depois partirem em «tournées» para as regiões luminosas e ali filmarem, a fio, os «exteriores» dessas mesmas películas. Mas esse sistema era dispendioso em dinheiro e tempo, e perigoso, tecnicamente.

Foi então que Mac Tower, um dos veteranos da «mise-en-scènes», se lembrou da Califórnia, e depois de realizar certos «exteriores» na costa do Pacífico, visitou uma aldeola de pescadores, que correspondia ao seu ideal cinematográfico. Muito em silêncio, montou nessa aldeola os seus studios e instalou todo o seu pessoal. Os resultados foram tão rendosos que seis meses depois cinco novos studios surgiam, e um grupo de engenheiros e arquitetos traçava o plano de uma nova cidade. Los Angeles trepou do areal, como num milagre, com cento e dōze ruas e avenidas marginais de «arranha-céus» e com uma população que sobe hoje a 1.200.000 pessoas. Mas Los Angeles era demasiado cidade para ser a capital do filme, e como os studios já existentes estavam construídos num dos seus arredores, foi nesses arredores que todos os outros se instalaram, criando, em pouco mais de um ano, uma segunda cidade, essa então positiva e exclusivamente cinematográfica, que bem

(Continua na página 12)

«Central-Boulevard», a principal artéria de Hollywood e onde ainda há dez anos existiam apenas 8 barracas de pescadores



Os traficantes de cabeças humanas

ENTRE as muitas repúblicas em que se estilhaçaram os domínios espanhóis da América, quatro existem, representando o último esforço revolucionário desse génio político e guerreiro que foi Bolívar e em cujas florestas coaguladas e policromas agoniza uma raça aristocrática e misteriosa: a dos índios Incas. Essas quatro repúblicas são o Perú, o Equador, a Colômbia e Venezuela. Para nós, os portugueses, a América divide-se apenas nos Estados Unidos do Norte e no Brasil; e se o Brasil, apesar dos potentes projectores com que a Civilização o tem encharcado de luz, se nos afigura ainda um outro mundo, fortemente muralhado e guardando segredos e tesouros insondáveis, que perturbador enigma humano, vegetal, cenográfico e zoológico não se ocultará nesses países, onde o século XX é apenas uma estreita folha de calendário nas cidades modernas do litoral, mas cujo interior resiste, endurecido, denso, opaco, a todas as explorações? Sabe-se que ao sair de Caracas, de Quito, de Lima, das capitais dessas repúblicas, e ao passar para além das fazendas das regiões vizinhas, se defronta com montanhas de árvores enroupadas por uma vegetação tão luxuriosa, tão gigantesca, tão amassada que o próprio céu se encobre e a luz falta. Sabe-se que nessas florestas, *croquis* da terra ao sair do Céus, mas berrantemente pintadas com todas as cores do arco-íris, vivem milhões de irracionais, desde os réptis mais monstruosos, desde os insectos da corpulência de aves, até às feras mais estranhas e às aves miniatúrais como insectos inverosímeis. Sabe-se que para além dessas florestas vivem raças tão velhas como o continente, senhoras de uma civilização espantosa, de uma ciência hermética e duma força guerreira igual ao seu orgulho; ao seu amor pela terra, ao seu ódio pelos invasores. E sabe-se que essas raças existem porque a história da conquista afirma que após uma luta febril de séculos, em que elas ficaram reduzidas a punhados de sobreviventes, resignaram-se ao isolamento, partindo para o refúgio de além-floresta... E da sua existência resistem ao tempo singulares vestígios. Assim, verifica-se que a capital do Equador — Quito — está construída no ar, sobre um cruzamento de pontes romanas, medida que os colonos espanhóis tomaram para dificultar os seus ataques, que eram constantes e sanguinários...

Que admira pois... o que sucedeu e o que nós vamos revelar...!!!

As notícias de «El Pogreso», de Bogota

Conhecemos, há anos, em Paris, o enviado especial à Conferência da Paz, um jornalista colombiano, Felipe Arzú, um mestiço de espanhol e de índia, invulgarmente culto, que nos soube interessar, sobretudo, com o seu orgulho pela raça de que descendia e que estudava profundamente. Com ele aprendemos o pouco que conhecemos sobre a nobre raça dos Incas. Felipe Arzú era redactor de *El Pogreso*, de Bogota, capital da Colômbia, um diário com um mínimo de 20 páginas, de moderníssima apresentação e brilhantemente redigido. Quis ele, ao regressar à pátria, como «reuerdo» do nosso encontro, enviar-me regularmente o seu jornal. Isso foi em 1919 — há doze anos, pois... e desde então *El Pogreso* me persegue, corre atrás de mim, de terra em terra, com uma constância e por vezes

O segredo dos Incas — Arzú, o jornalista colombiano — A perseguição de «El Pogreso» — A notícia da última hora — As maravilhas do leite humano — Da consagração guerreira ao assassinio — A actriz portuguesa que possui uma cabeça mumificada



com tão milagrosa sorte em cair às minhas mãos que me obriga a crer na ciência e na magia dos Incas de que Arzú tantas vezes me falava e dizia conhecer. De facto, dada a inconstância da minha residência e a distância do espaço e do tempo que me separa de Colômbia, é algo misterioso eu continuar, ainda hoje, embora com intervalos de semanas ou de meses, a receber *El Pogreso*. Quando Arzú partiu, levava o meu endereço de Paris; mas já dentro de Paris os correios acompanharam as minhas várias mudanças de casa ou de hotel, escrevendo a lápis, na cinta, a nova direcção que a *conciérge* lhes dava. Depois, em Bruxelas, em Haya, em Londres, após grandes ou pequenas ausências, ele me surgiu sempre, às vezes com o envólucro todo gatafurnado de endereços riscados e substituídos...

Havia já muito tempo que não recebia *El Pogreso*, de Bogota! Reapareceu-me, há dias, num pacote contendo os exemplares da primeira semana de Janeiro do presente ano. Quere dizer que levou quasi sete meses a encontrar-me. Folheei-os ao acaso, galopando o olhar pelos títulos — sem o apelar em nenhum... Mas eis que no número de sábado, encontro esta «en-tête» impressionante: «*Nuestra policia descubre más una sociedad de traficantes de cabezas humanas.*» Era uma notícia da última hora, e, portanto, lacónica: «O comissário do 2.º distrito, sr. Argilés, continua dando uma admirável caça aos monstruosos negociantes de cabeças humanas. Ontem à noite, os agentes da sua brigada, cujas suspensas tinham fixado, desde há muito, um trio

de estrangeiros recém-chegados de Vilar-Serrano (cidade do interior de Colômbia), surpreendeu-os em tratos com um quarto indivíduo, espanhol, de nome Francisco Muñoz, segundo oficial do vapor *Talavera*, que faz carreira entre os portos sul do Pacífico e S. Francisco da Califórnia. Telefonaram imediatamente ao comissário e, quando este se lhes reuniu, assaltaram os quartos que os estrangeiros ocupavam no Hotel Chileno, na Praça Nacional.

Foi-lhes encontrado três malas contendo, cada uma, 15 cabeças mumificadas. Interrogados confessaram dedicar-se a esse repugnante tráfico, tendo, da sua última viagem adquirido 20 dúzias de cabeças, das quais uma grande parte seguiu já para a América do Norte e para a Europa, sobretudo para França e Inglaterra, havendo o espanhol Muñoz levado para bordo duas malas carregadas com 12 cabeças cada. Os traficantes presos são: Mauriau, francês, de 35 anos; Carlo Tom, italiano, de 32 anos, e a amante deste, Maria Cabral, portuguesa, de 28 anos. Quatro das cabeças apreendidas pertenciam a indivíduos de raça branca, segundo o exame feito pelo dr. Aguilár, o que prova que os «*Machnegos*» (?) continuam a praticar as suas proezas. Os traficantes garantem que as compraram a um mestiço que reside em Vilar Serrano e que este nega que as cabeças venham dos «*Machnegos*» mas sim de uma tribo de «*Yalus*» que está acampada nas margens do Lago Serrano. Apesar destas declarações o comissário sr. Argilés telefonou ao governador de Vilar Serrano para que realize um imediato inquérito aos «*Machnegos*».

O feitiço da moda

Não é novidade para mim este tráfico de cabeças mumificadas. Mais: o *Reporter X* publicou, num dos seus primeiros números uma reportagem denunciando a passagem por Lisboa dum caixeiro-viajante deste repugnante artigo tão cubiçado pelas damas da aristocracia americana e já em moda por algumas excéntricas de Paris, Londres, Berlim, etc... Esse cavalheiro, cuja fotografia inserimos, desappareceu bruscamente, e, ao que parece, apenas conseguiu impingir duas cabeças mumificadas, uma das quais, ao que nos consta, foi adquirida por uma *vedette* teatral... que esteve em voga, ultimamente, não graças ao seu género artístico mas sim devido a graves acontecimentos da sua vida íntima...

Depois de ler a notícia relativa à prisão dos três traficantes — recomecei a folhear com maior atenção os exemplares recém-recebidos de *El Pogreso*. Graças a esta curiosidade intei-rei-me de novos e preciosos aspectos deste repugnante assunto. Soube, por exemplo, que os Incas se dedicam há muitos séculos a esta arte de mumificar cabeças e que, entre êles, ela representa a *medalha de guerra*, como o escalpe entre os *sioux* do norte.

O segredo dos Incas

Outra revelação que *El Pogreso* nos ofereceu foi a do segredo dos Incas para mumificar cabeças decepadas. A ciência começa por influir no acto de destronar a vítima — arrancando-lhe a cabeça de forma a levarem um pouco a carne do peito, das costas e dos ombros. Depois, dum golpe de faca abrem-na do alto do crânio ao pes-

(Continua na página 13)



Não é a primeira vez que o Reporter X consegue obter revelações inéditas e sensacionais sobre os mistérios sagrados da vida íntima do novo Estado do Vaticano. Há poucos meses radiografámos a existência de uma brigada de detectives, exclusivamente dedicada à contra-espionagem dos inimigos sacrílegos do Papado; e num dos nossos últimos números conseguimos um eloqüente êxito mundial com a reportagem sobre o exército católico, secreto, de 2.000.000 de homens, reportagem essa que mereceu os mais lisonjeiros comentários da imprensa dos dois continentes. La Libertad, de Madrid, por exemplo, reproduziu-a na íntegra; e o New-York Times, segundo nos informa um dos seus correspondentes europeus, recebeu-o telegraficamente, dedicando-lhe, como crítica, o artigo de fundo. Hoje, graças à gentileza do dr. Anselmo Mascarenhas, recém-chegado de Roma, oferecemos aos nossos leitores um descritivo sintético do que é, por dentro, esse minúsculo Estado, dos mais pequenos do mundo, geograficamente, mas dos mais importantes, pela sua influência política e diplomática internacional; pelo valor do seu tesouro; pelo modernismo científico da sua organização; e, sobretudo, pelo poderio moral que exerce sobre uma grande parte da Humanidade. O conflito, já longo e de crescente gravidade, que arde entre o Vaticano e a Itália dá à nossa reportagem um especial oportunismo e um altíssimo interesse jornalístico.

«Rerum Novarum», ...

REGRESSEI a Lisboa no princípio deste mês — começa por nos dizer o nosso ilustre informador, dr. Anselmo Mascarenhas. — Ora, como cheguei a Roma a tempo de assistir aos festejos do 40.º aniversário da célebre encíclica «Rerum Novarum», que se realizou a 12 de Fevereiro, vivi quatro meses e meio no Estado do Vaticano, tempo bastante para obter impressões gerais sobre o novo Estado. Confesso que era essa a curiosidade que me levou à Itália. Conheço de cór os belos frisos e telas da Capela Sixtina e já vi o Papa Pio XI mais de uma vez. Portanto, o que me interessava eram os segredos da organização interna do mundo papal.

Os segredos do Estado do Vaticano

Os Estados minúsculos — Andorra, S. Marino, Mónaco e Montenegro — O Governo — Os Correios — 25.000 cartas e 5.000 telegramas — A Casa da Moeda — A Guarda — A «Gare» — A população presente e futura — Arranha-céus — As indústrias.

«Visitei Andorra, S. Marino, Luxemburgo, Monaco, e até Montenegro, no último ano da guerra balcânica. São pequenos países, países-meninos, caprichos políticos das potências, e no proporcionado liliputiano do seu físico pouco tempo prendem o nosso espírito. Andorra não difere, quasi, de uma vila catalã ou aragonesa. O campo... é como todos os campos; a paisagem, igual à de todas as das vizinhanças dos Pirineus; a... capital assemelha-se a uma aldeia; o governo a um município de camponeses. S. Marino é uma república gémea da de Andorra, tão italiana como aquela é espanhola, embora mais vistosa e teatral, no guarda-roupa e na «mise-en-scène» provincianos das suas solenidades políticas. Monaco... é França em ponto pequeno, com um príncipe que comanda um exército de... 100 gendarmes. Só Montenegro, apesar de ser tão aldeão como os outros países-brinquedos, se distingue pela sua força militar...

«Ora o Vaticano, que desde que Garibaldi lhe tirou os territórios do seu poderio não passava do maior templo do cristianismo, e que não pode ser equiparado a Andorra ou a Montenegro, sobretudo sob a direcção de Pio XI, que é um pontífice moderno, atento a todas as descobertas científicas e que sonhou transformar o seu Estado... num verdadeiro Estado, embora limitado materialmente pelos estreitos muros que o cercam. Se a data de 26 de Dezembro de 1929 marca a liberdade papal, o verdadeiro início do actual Estado do Vaticano data de 12 de Fevereiro último, dia em que inaugurou o posto de T. S. F., e em que Pio XI, por intermédio da rádio-telefonía, falou aos católicos de todo o mundo...

A defesa do Estado

«O Chefe do Estado é, já se vê, Pio XI, e como Chefe de Estado o Papa nomeou o comendador Serafini para governador e administrador da cidade, a defesa da ordem pública, a segurança dos cidadãos e das propriedades, da higiene e da moral públicas. Os museus e administração municipal foram-lhe igualmente confiados. Qualquer indivíduo pode ser cidadão do Vaticano, desde que corresponda a certas exigências da lei e que passe a residir no Estado. Para isso, deve munir-se dum «bilhete de identidade».

«Muitas pessoas pensarão que no Vaticano apenas vivem os que pertencem directa ou indirectamente aos serviços da Igreja. Erro. O novo Estado, na sua actual evolução, está criando várias indústrias — indústria eléctrica, indústrias artísticas, sobretudo de tapetes, e essas indústrias exigem técnicos e operários que não existiam e que passaram a residir a dentro das fronteiras, como cidadãos do Estado do Vaticano. Além disso, a indústria provocou uma outra actividade: a do comércio. Portanto, juntamente com a nova população que as fábricas criaram, surgiu a do



comércio e da finança conseqüentes: capitalistas, banqueiros, negociantes, guardalivros, dactilógrafas, etc...

«Ora, como todo o agrupamento humano é uma hipótese... de desharmonia e de desordem, mesmo a dentro das fronteiras papais; como todos os Estados têm o dever da sua própria defesa e a dos seus cidadãos, o Estado do Vaticano aumentou o seu exército... conhecido (não falamos do ignorado ou do que os boatos criaram). Existe a guarda nobre, a guarda palaciana, a gendarmaria e a guarda suíça, num efectivo de 500 homens, sob o comando civil (como na Rússia) do comendador Serafini, espécie de ministro da Guerra, generalissimo e comissário de guerra, encarregado, ao mesmo tempo, de organizar, de armar, de municiar e de mobilizar. No caso de mobilização, esse efectivo pode elevar-se a mais do dobro. O armamento é do mais moderno e seguro.

«Não é só da força armada que depende a paz dum Estado. Era necessário criar uma máquina de Justiça. Criou-se apenas um tribunal, de 1.ª instância, composto por cinco juizes e de um total de 50 ajudantes: escrivães, meirinhos, investigadores, etc. Nesse número não está incluída a brigada de detectives, que depende directamente da alta política do Estado. Esse tribunal é competente em todas as matérias civis e penais.

A população, os Correios e a administração

«Fóra do Vaticano e dos seus 40 hectares, o Palácio, a Basilica de Letras, Santa Maria, S. Paulo, palácios da Chancelaria, da Propaganda, do Santo Officio, etc., go-

(Continua na pag. 11)

O caso deu-se há dias, por um domingo luminoso, no comboio do Estoril; e quando o evoco ainda sinto o mesmo anel de fêrrea angústia apertar-me a garganta até à asfixia. Eu tinha ido visitar um velho amigo à Parede, o sr. António Pinto, que fôra o meu único senhorio durante dois anos que vivi naquela povoação encantadora. Pensava em gozar um domingo ameno, longe das preocupações cotidianas. Aspirava àquele domingo como o colegial deseja a liberdade de um feriado. De manhã, comprei os jornais, instalei-me o mais comodamente possível a um canto de uma carruagem de terceira e, paulatinamente, como um burguês que fecha a loja para sorver com delícia uns momentos de pândega pacata, comeci a saborear a leitura. Li o que ia pela política, devorei a crônica do roubo, arrepiei-me na coluna dos crimes de morte e quando o olhar negligente pousava nas notícias necrológicas, uma voz débil, humilde, tímida, como a de certos pedintes que andam nos comboios a amealhar uma fortuna sob os andrajos enganadores, soprou-me ao ouvido:

— O cavalheiro desculpe-me interrompê-lo... Mas... Deveu-se como se mão invisível lhe abafasse as palavras na garganta. Fitei-o. Era um tipo quasi mal vestido: um casaco modesto, limpo, mas coçado, a gravata torcida para ocultar um farrapo de camisa que semelhava de rede, à força de cosida. Esperei a angustiosa lamúria dos sem trabalho. O homem parecia-me um desempregado. No seu rosto magro, olheiras fundas, olhos mortiços, bigode grisalho, não era difícil adivinhar-se um desgraçado precocemente envelhecido, maltratado pela brutalidade da vida. Animado pela minha expectativa, o homem prosseguiu:

— O senhor provavelmente já não se lembra de mim?

Realmente, não me recordava. Têm passado durante a minha vida profissional tantos rostos de sofrimento ante meus olhos! O outro baixou a voz e, de olhos no chão, murmurou:

— Sou F.... Fui seu condiscipulo no Colégio Francês.

Aquele nome (que occulto porque não tenho o direito de lhe dar publicidade) foi como um comutador que se prime numa casa às escuras: iluminou-me o cérebro. Uma luz intensa bateu de chapa no passado longínquo mas ainda intacto num recanto remoto da minha memória. E vi aquele homem envelhecido pelas tragédias da existência no tempo alegre e descuidado da sua infância. Recordava-me perfeitamente dele — o 184 — com o seu bibe de riscado, a melena loura caída para a testa, os olhos vivos, o rosto afogueado das corridas loucas pela cêrca à hora do recreio. Aquela vez que êle fôra apanhado pelo Brito, o continuo — uma jóia, que a nossa alma de crianças odeava, porque nos reprimia as maldades —, a fazer cabriolas nas cordas do gymnásio! E quando o Duarte, o chefe do pessoal menor, o surpreendeu a fumar um cigarrito de onça que eu lhe ofertara!

Mas depressa a recordação alegre da infância feneceu, como se num horizonte claro e azul passasse de súbito uma nuvem cinzenta: o garoto traquina estava ali a meu lado, transformado num triste farrapo humano.

— Homem — disse-lhe eu, sem poder reprimir a minha surpresa —, pareces-me um velho. Estás acabado e és mais novo do que eu. Como arranjuste isso?

E êle, sem se atrever a tratar-me por tu, num gesto triste, mas resignado, respondeu-me:

— Que quere Você?... Foram os agiotas!

Uma vítima dos agiotas

História verídica, semelhante a muitas que o grande público desconhece, de um homem que ficou reduzido à mais negra miséria

Sim, foram os agiotas que me reduziram a isto...

Da felicidade à derrocada

F... — o 184, tratêmo-lo assim — começara a viver precocemente a vida. Aos quinze anos interrompera na terceira classe o seu curso dos liceus para se empregar no escritório da antiga casa de produtos químicos e farmaceuticos, Neto Natividade &



...porque estão a viver numa casa que não lhes pertence...

C., na Rua Jardim do Regedor. Sob a direcção do sr. Neto, sócio da casa, pessoa conhecedora do «metier», que por êle se interessava, empregando os melhores esforços por transformá-lo num homem, o 184 adquiriu rapidamente boa prática de escrituração comercial. Passava-se isto antes da guerra mundial. Um futuro modesto mas desafogado apresentava-se ante o ex-aluno do Colégio Francês. O sr. Neto, vendo que o seu empregado bem aproveitara das suas lições, aconselhára-o a procurar um lugar em casa comercial de maior vulto, onde as suas aptidões se pudessem desenvolver plenamente. Foi então que um golpe doloroso e ao mesmo tempo feliz transformou a existência do 184. O pai,

com quem estava de relações cortadas, falecera subitamente, deixando-lhe uma pequena fortuna.

Com dezassete anos incompletos, o rapaz, após o deslumbramento de umas noites no Regaleira e umas aventuras passageiras com mulheres de amor venal, tomara juízo e resolvera construir sólidamente a sua independência. Montou escritório de comissões e consignações num segundo andar da Rua Augusta e, com o bambúrrio da guerra, ascendeu à categoria de novorico.

A vida decorreu-lhe, durante uns anos, amena como uma carícia de veludo. Casou com uma linda rapariga que o brindou, em curto espaço de tempo, com dois bebês encantadores. E tudo fazia prever que a boa estrela jámais o abandonaria quando a paz, com as suas crises, transformou a prosperidade daqueles anos em nuvem illusória que a brisa desfaz. Foi tudo por terra como um castelo de cartas. O que ganhara anteriormente escoára-se dos seus cofres como água entre os dedos e, em 1924, do antigo bem-estar, restava-lhe a casa montada, algumas pratas, a mulher sempre linda e as crianças queridas. Foi então que êle começou a subida do penoso calvário. Foi então que caiu nas garras dos agiotas.

Da desgraça à decadência extrema

Sempre com esperança de que a crise fôsse passageira, que não se transformasse em ruína irremediável, o 184 fez empréstimos. Aceitou letras a agiotas que quasi o obrigavam a aceitar o dinheiro.

Sabiam-no empreendedor, persistente, lutador, e tinham em mira criar-lhe uma situação tão asfixiante que o produto do seu esforço gigantesco se transformasse em quasi exclusivo rendimento do capital emprestado. Mas em princípios de 1926, succedeu o inevitável: o ex-aluno do Colégio Francês tombava vencido numa falência que, por milagre, não foi considerada fraudulenta. Salvava-se da derrocada, mercê de umas habilidades, a mobília da sua casa e as pratas.

Veio depois a situação extrema. Com esperança de obter um bom emprêgo (êle tinha tão boas habilitações!), foi pedindo pequenos empréstimos. Um agiota da Rua da Betesga — um que usa nome espanhol — emprestava-lhe sobre letras aos quinhentos mil réis. Recebia os quinhentos mil réis em dinheiro, dos quais ainda descontava o valor selado da letra, e preenchia um aceite de novecentos escudos. Pagava mensalmente noventa escudos. Quantos sacrificios, quantas privações para efectuar êsses pagamentos! Ah!, mas a garantia de que pagaria as importâncias leoninas que lhe exigiam pelos míseros empréstimos era a sua casa — que valia inúmeras vezes mais, mas de que êle não queria desfazer-se.

Sem emprêgo de onde lhe viessem receitas, aconteceu o inevitável. A mulher, que o estimara na prosperidade, começou a odiá-lo na desgraça. E um dia abalou nos braços de um outro felizardo a quem os negócios corriam fáceis. Quedou-se só com as duas crianças. O desgosto vergou-o. O cabelo embranqueceu-se-lhe, e, como faltasse ao pagamento das mensalidades, o agiota, que tinha na sua mão o arrendamento e um documento da compra de todo o recheio da sua casa, pô-lo simplesmente na rua, com as duas crianças, «porque estavam a viver numa casa que não lhes pertencia».

Há quatro anos que a vida do 184 decorre esmagada entre as mais aflitivas situações de miséria. Os sapatos, outrora lus-

(Continua na pag. 11)

SENSACIONAL REPORTAGEM

Um português Arsène Lupin

O caso surgiu-nos, pela primeira vez, a 10 do mês passado, no *Kriminal-Magazine*, que se publica em Hamburgo e que, não sabemos porquê, nem como, é dirigida, de Londres, por Edward Wallace, o rei da literatura policial. O título da notícia limitava-se a poucos vocábulos: «Um Arsène Lupin autêntico», e referia-se a uma novelesca proeza que certo internacional praticara em Berlim. Não fixámos sequer o nome do autor da façanha, digno de ser nivelado à fantasia do «cambrioleur gentilhomme» que Maurice Leblanc urdiu. Poucos dias se passaram e uma revista inglesa, da mesma especialidade, relatou mais sóbriamente a biografia completa do cavalheiro. Dessa leitura ficaram-nos de memória os seguintes detalhes: que esse Arsène Lupin estudara medicina; que possuía, de facto, um título fidalgo; que se perdera, lançando-se na «mala-vita», no ano de 1919, revoltado por uma injustiça cruel e humilhante da sociedade; que essa injustiça tivera como primeira consequência ficar sem a noiva que ele amava; que cometera a sua primeira proeza numa casa de jôgo; que era fi-

lho de um ex-magistrado, e que esse ex-magistrado foi a causa involuntária de toda a sua fatalidade...

Ora bem... Foi graças a estes detalhes biográficos que viemos a saber que o famoso *hors-de-la-loi*, entronizado agora na galeria da imprensa estrangeira como um émulo de Arsène Lupin, era português. Não porque na ocasião da leitura dispussemos já de matéria informativa suficiente para chegarmos a essa imediata conclusão, mas sim por-

que um minúsculo acidente de rua nos veio alertar, quarenta horas depois, pondo-nos na pista da verdade.

Um magistrado que pede esmola

Sairamos da redacção, à hora bem dita do almoço, e um amigo há muitos anos ausente enlaçara-nos pelo braço e exigia a nossa

companhia. Resolvemos tomar a refeição em comum, num restaurante estrangeiro da Rua Nova do Carmo, e quando, pachorrenamente, a subíamos, cruzámos com alguém que merecera do nosso companheiro uma curiosidade tocada por uma vaga mas evidente compaixão. Voltára-se para o examinador, de rosto crispado e abanando a cabeça numa expressão de tristeza: «Pobre homem! Demasiado dura é a penitência que sofre! Quem o viu e quem o vê!»

Olhámos também para o indivíduo que provocara este comentário. Era um velho magríssimo, um dos tipos mais singulares da galeria dos mendigos envergonhados e asseados de Lisboa, a quem, por mais de

uma vez, deixáramos cair, discretamente, na concha da sua mão trémula, uma moeda caritativa. Velho magríssimo, dissémos... Velho precoce, porque, bem visto, deixa adivinhar menos idade do que a que aparenta. Barbeado sempre, mas sem escañoar, porque a navalha, de gasta, deve ser um verdadeiro instrumento de martírio. Os olhos perderam brilho e ganharam uns farrapos brancos, que são sintomas de muita lágrima. Veste não com pretensão, mas com vestígios de dignidade: um *frac* quasi no fio, dentro do qual o corpo se perde como um esqueleto mal enroupado, uns punhos de borracha a fugirem das mangas, uma gravata já sem côr, e usa botas já sem saltos. De dia arrasta-se lentamente pela cidade, fugindo com o olhar aos que o procuram, numa esquiua envergonhada. De noite, oculta-se pelos portais, preferindo os das ruas solitárias, e raras vezes consegue realizar o esforço de estender a mão ao transeunte ou de murmurar uma súplica... Os transeuntes é que se sentem — alguns — comovidos pelo fluido daquela dôr e daquela miséria, e o atendem, em silêncio também. O seu pouso predilecto é a Rua Ivens, a Rua de Santa Marta e a Calçada do Destêrro.

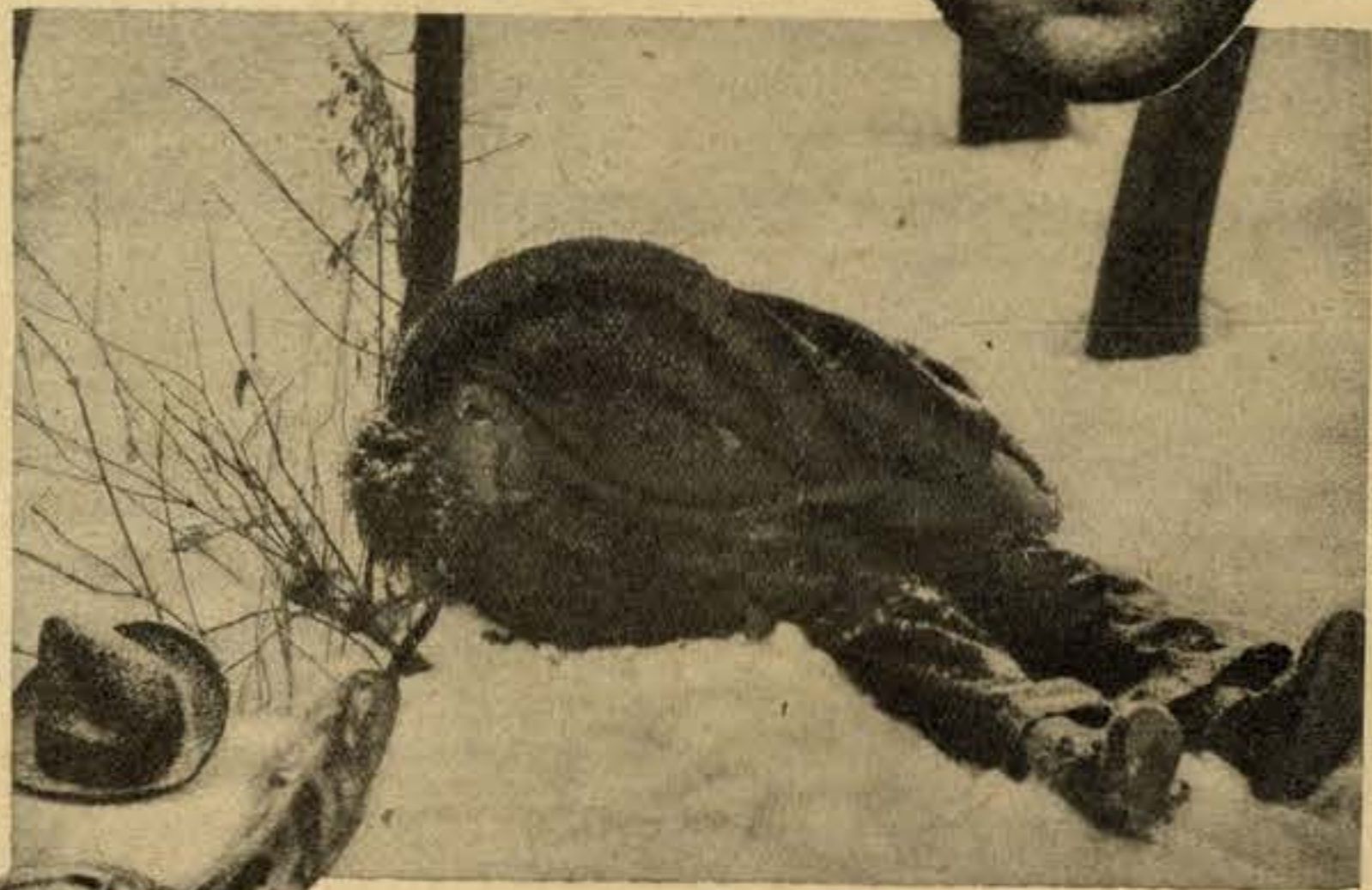
— Pobre homem! — repetiu o meu amigo. — Já era uma ruína quando sai de Lisboa, em 1926. O que ele envelheceu entretanto. E sabes qual é a sua idade? Quarenta e cinco anos, se tiver! Como chegou até isto? Fatalidades! E tu nem sonhas quem ele é...

E como lhe pedissemos a história, contou tal como a reproduzimos: — «Existem famílias predestinadas à Desgraça; esta é uma delas. Se Camilo vivesse, tê-la-ia aproveitado para o seu elenco de desgraçados. Nunca ouviste falar nos condes de E...? É uma muito antiga e nobre casa minhota, que há um século anda mal com Deus e com a Sorte. O avô deste homem acabou os seus dias no degrêdo, por ter assassinado, numa noite de bebedeira, um pároco da sua freguesia, influente político e querido do povo. O pai fugiu para o Brasil, após certo negócio escuro, num Banco português, a que pertencia, e nunca mais se soube dêle. A madrinha desse indivíduo que acabámos de vêr, quis arrancá-lo ao Destino, mandou-o para Coimbra, educou-o, formou-o, protegeu-o. Graças às suas relações, conseguiu-lhe um posto de magistrado e fê-lo seu herdeiro. Enquanto o dr. Alberto de A... B..., conde de E..., viveu exclusivamente da magistratura, foi um juiz exemplar e um admirável chefe de família. A fortuna que herdou da sua protectora é que o transtornou. O dinheiro despertou-lhe as taras adormecidas: o álcool, os amores aventureiros e o jôgo começaram logo a dansar uma diabólica farândula em redor do seu espírito. A herança foi queimada em pouco mais de cinco anos; e, esgotada a fortuna, os vícios não se acalmaram; pelo contrário: pareciam mais exigentes ainda. Estava ele então numa comarca provinciana... Os boatos menos lisonjeiros para a sua honra rabiaram na opinião pública. Os colegas, logicamente ciosos do bom crédito da magistratura, alarmaram-se, vigiaram, e surpreenderam-no em flagrante crime... Vendera-se... por cinco contos! Expulso, castigado, humilhado, apontado a dedo, começou a galgar o seu

calvário. O seu único filho, Carlos, que estudava medicina em Lisboa, estava noivo dum formosa donzela (deixa-me empregar linguagem camiliana, visto que estamos em pleno Camilo...), filha de uma família igualmente nobre, do Minho. Nas férias seguintes ao escândalo, foi, como de costume, visitar a mulher que amava. Com que angustioso pasmo não receberia êle a afronta de lhe ser negada a entrada em casa da noiva! Julgou ao princípio que se tratava de um cruel despotismo exercido pelo futuro sógro — velho orgulhoso e severíssimo em questões de honra —, mas que a noiva, embora aparentemente obediente, mantinha os seus pensamentos de amor através de todas as fatalidades... Equivocára-se. Ela encontrára-se, sózinha, com êle, e, muito nervosa, lhe declarara que não podia sofrer as vergonhas que tal noivado já lhe causara e que muito ditosa se considerava porque um primo, apesar dêsse vexames, a aceitara para esposa. Carlos, futuro... conde de E..., não chorou nem suplicou! Revoltou-se contra a injustiça de que era vítima. Que culpa tinha êle das loucuras paternas? Tomou o primeiro comboio, e ao topar o pai, tão pouco o insultou. Repetiu-lhe apenas o que se passara e profetizou que a sua vida estava para sempre estigmatizada pelo crime que não cometera. Com o pouco dinheiro que lhe restava, regressou a Lisboa, mas não tornou a matricular-se, começando a frequentar «clubs», a jogar, a exhibir as mais caras anantes, a beber os vinhos mais caros, a dar-se ao luxo de uma vida de príncipe. De onde lhe vinha o dinheiro para tanto esbanjamento? Ninguém o sabia; mas embora se murmurassem suspeitas, não havia um único indício que o comprometesse. Um belo dia, desaparece de Lisboa. Este desaparecimento foi tão ágil, tão oportuno, tão inteligente, que dir-se-ia obra não de um jôvem de vinte anos, recém-saído da Universidade, mas sim de um dêsse «Raffles» de romance, inverosivelmente dotados de todas as qualidades necessárias a um «escroc» de grandes façanhas e de inviolável impunidade. Porque digo isto? Muito simples. Porque uma semana depois, a maioria dos «clubs» da capital... e dos arredores descobria uma vasta emissão de fichas falsificadas no valor de alguns, bastantes, contos de réis. Carlos fabricára-as conforme o tipo de cada «club» e eram tão perfeitas que só um perito muito desconfiado podia suspeitar delas. Cada semana frequentava um «club» diferente, arriscando primeiro fichas autênticas, e só depois de duas ou três noites de jogatina é que misturava as verdadeiras com as falsas e as ia trocar ao ficheiro, sem perigo de surpresas, porque o ficheiro o conhecia das noites anteriores. Depois, mudava de «club»; e, quando voltava ao mesmo, cinco, seis semanas passadas, informava-se primeiro se havia qualquer desconfiança no ambiente... Quando julgou ter passado uma quantidade tal de fichas que era impossível que não comessem a suspeitar delas, escamoteou-se sem deixar vestígios. Eis como o crime de um pai e a injustiça de um orgulhoso fidalgo de provincia transforma o destino de um homem, tornando em «escroc» alguém que



A advogada polaca que fugiu com D. Carlos — («Foto», do «Detektiven», de Varsóvia)



«Elena», a inverosímil serpente que tanto surpreendeu a Policia inglesa; o «cadáver» de D. Carlos Estravim tal como foi encontrado nos jardins de Baden («foto», de «Kriminal Magazine»); Hiker, o cangalheiro que preparou o caixão para D. Carlos

(Continua na pag. 13)

BANDIDOS de Luvá Branca

Uma associação de bandidos,
recrutados entre polícias, magis-
trados, advogados
e altos funcionários

Como se descobriu a famosa quadrilha
— Quem matou a actriz Vivian Gordon

NEM só em Chicago há bandos de «bootleggers», de «gangsters», de «hold up menez» e de «racketeers». Em outras cidades dos Estados Unidos há bandos de malfeteiros, embora Chicago tenha, em todo o mundo, o exclusivo da perigosa celebridade.

Em Nova York, na importante capital, acaba de descobrir-se um quinto bando, que punha em perigo, não só a vida mas a honra dos cidadãos novayorquinos. Não se trata de uma quadrilha vulgar de malfeteiros: os seus membros são agentes de Polícia, magistrados, advogados, etc..

O «Sindicato do Vício», nome por que o famoso bando se tornou conhecido, tinha por vítimas certas as mulheres.

Para compreender o alcance das infâmias que praticavam, é preciso, porém, conhecer o ambiente moral em que elas se desenvolveram.

A legislação actual do Estado de Nova York, em matéria de bons costumes, é do mais atrasado que pode imaginar-se. Basta, por exemplo, o testemunho de um só homem, geralmente pertencendo ao «stool-pigeon» — espia ao serviço da Polícia —, para que a mais honesta das mulheres possa ser condenada, inexoravelmente, como uma profissional do vício. A afirmação do «stool-pigeon» basta para contrariar qualquer prova que a desgraçada alegue em sua defesa.

Assim, o bando cometeu infâmias sem conta. Os «stool-pigeon» tinham que fazer. Mulheres honestíssimas, da alta sociedade, pagavam quantias importantes para não serem desonradas; operárias e creadas empenhavam os pobres haveres para evitar a vergonha de uma condenação. O silêncio, dolorosamente guardado pelas vítimas, permitia ao bando o exercício calmo do seu infame negócio. A um acaso fortuito se deve a descoberta do bando.

Certo dia, um «stool-pigeon», o chileno Acuña, depois de ter contribuído para a condenação de várias mulheres inocentes, teve a temeridade de rebelar-se contra a ordem de infamar, com falsas provas, uma mulher honrada. Foi despedido do bando e ameaçado de morte, em caso de delação.

Acuña não se intimidou. Procurou os altos funcionários do Estado e falou. Imediatamente se criou uma comissão de investigação, com base na denúncia apresentada. Acuña pronunciou, então, a sua



formidável acusação. O escândalo tornou-se público. A vida e a acção dos bandidos foram conhecidas nos seus mínimos detalhes.

Declarou o denunciante que recebia 150 dólares semanais e que não tinha outra ocupação além da de fazer-se simpático a mulheres honestas, induzindo-as a pecar, fazendo-as surpreender pela Polícia. Muitas mulheres das melhores famílias caíam na rede, sob qualquer pretexto: uma chamada telefónica urgente, a falsa notícia de uma desgraça, etc.. E, apenas chegava ao local indicado, era surpreendida pela Polícia. Para não sofrer a vergonha da prisão e da condenação, a vítima recorria a tudo, até a um prestamista, para arranjar a importância que lhe exigiam. Aparecia então o advogado do bando, que se comprometia a pôr pedra no assunto, mediante, é claro, a correspondente compensação. As desgraçadas que não podiam pagar iam para o cárcere e, dali, para o reformatório infamante.

As declarações de Acuña não tardaram a ser confirmadas por outro «stool-pigeon», de nome Hany Levey, o que provocou um terramoto político nos Estados Unidos.

Entretanto, a comissão investigadora foi apurando roubos repugnantes. A uma pobre rapariga, que ganha a sua vida fazendo a limpeza de uma oficina, exigiram-lhe 175 dólares, que ela pagou, porque a denúncia implicaria a perda do miserável emprego.

Os resultados dos «negócios» do «Sindicato do Vício» foram de 13 milhões de dólares por ano. Dois e meio provinham do «speakeases» — local onde se consomem bebidas alcoólicas de grande preço; outros dois e meio, das casas de jogo; um milhão, dos especuladores das carreiras de cavalos; e o restante do negócio infame da exploração de mulheres, pelo processo já referido.

Há dias, apareceu, num dos parques da cidade, o cadáver de uma artista de variedades muito em voga, Veneda Bischoff, mais conhecida por Vivian Gordon. Dias antes, um dos encarregados da investigação sobre o «Sindicato do Vício», recebera uma carta dessa mulher, informando-o sobre os negócios do bando, e dispendo-se a contar o que com ela própria se passara. O processo está em vias de conclusão. O sangue de Vivian Gordon clama justiça. Entretanto, Al Capone é rei de Chicago, de Nova York, de Filadélfia, de todo o mundo onde os «arranha-céus» são tão altos como profundas as alfurjas onde se gera o crime...

L. N.

História do Regime Rep u blicano

NESTE país em que todo o esforço literário ou jornalístico é tão mal compensado, em relação ao que se verifica no estrangeiro, merecem os mais francos e entusiásticos louvores aquelas iniciativas que, pela competência com que são levadas a cabo, nos colocam a par do que melhor se produz nos grandes países da Europa. Está nestes casos a *História do Regime Republicano*, em luxuosos fascículos, que Luiz Montalvor, Mário do Rosário e Abel Moutinho organizaram com raro bom gosto e estão publicando com inextinguível êxito.

Poucas são as publicações portuguesas que atinjam a perfeição gráfica da *História do Regime Republicano*. Aquela harmonia, aquela beleza, só se atingem mercê de um grande esforço e do esplêndido material das oficinas gráficas da Empresa do Anuário Comercial, oficinas que são das melhores no nosso país.

O critério literário que preside à factura da obra é dos mais assíduos e esclarecidos, pois não se estão escrevendo histórias, mas fazendo História no rigoroso sentido da palavra.

Estes esforços, repetimos, são tão pouco compensadores que não podemos resistir à tentação de felicitar entusiasticamente os nossos particulares amigos Luiz de Montalvor, Mário do Rosário e Abel Moutinho, desejando-lhes o grande êxito que incontestavelmente merecem.

Quereis dinheiro?

Joíai no

GAMA

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Os segredos do Estado do Vaticano

(Continuação da pag. 6)

zam do privilégio extraterritorial, o que dilata bastante o novo Estado. Acabam de construir uma «gare» de caminho de ferro, verdadeiramente sumptuosa, onde podem desembarcar os que se destinam ao Vaticano, vindos dos quatro extremos do mundo. Nos jardins papais moureja febrilmente um formigueiro de operários, que constróem também os palácios do governador, em estilo modernista e imponente, e o da Justiça. O organismo dos Correios e Telégrafos, com tarifa interior e exterior, possui uma casa própria, onde trabalham muitas dezenas — quasi centenas — de funcionários. A correspondência regula entre 10:000 a 25:000 cartas diárias, e 3:000 a 5:000 telegramas semanais. Os colecionadores de selos atormentam aquele pessoal, suplicando as estampilhas da nova emissão.

«O novo Estado fabrica o seu dinheiro, tendo construído também uma Casa da Moeda, donde estão saindo, todos os dias, algumas dezenas de contos em moedas de cobre, níquel e prata e bilhetes de Banco. Uma das indústrias mais modernas criadas pelo Vaticano é a da conservação e arranjo de livros antigos para bibliotecas. A chefe dêsse «Hospital de Livros» foi confiada a um erudito católico alemão, o qual dirige quarenta ilustres operários, que executam encomendas, não só para as bibliotecas valiosíssimas do Vaticano, como também para as principais da Europa e da América. Como o Vaticano possui um órgão jornalístico diário, *L'Osservatore Romano*, que tira 500:000 exemplares, montou a «Casa da Imprensa», onde se vão reunir as redacções, administrações e oficinas dêsse quotidiano e doutros, assim como de revistas, «magazines», etc.; e ainda o Sindicato, Cooperativa e Club dos jornalistas católicos, que possui 300 membros. A central-eléctrica, que foi instalada em 1897, com uma turbina de 12 HP., dispõe agora de quatro «Diesel» de 200 HP., produzindo 8:000 ampéres. Mas o que de todas as novidades do novo Estado me despertou maior admiração, a mim e a todos os estrangeiros que o têm visitado, é, sem dúvida, o posto de T. S. F., que é o mais completo, perfeito e moderno da Itália e um dos melhores do mundo.

«O Rádio-Vaticano — H. Y. J. (são as suas iniciais convencionadas no Código do «B. I. de la T. S. F.») — é dirigido por Granfranceschi, que foi o capelão da trágica expedição Nobile ao Polo, e foi construída e experimentada sob a direcção pessoal do senador Marconi, que lhe forneceu um aparelho «Duplex», igual ao que o célebre inventor possui no seu hiate «Electra», e que permite receber e transmitir comunicações ao mesmo tempo. É esta a mais importante criação do novo Estado, porque levou a voz do Pontífice a todos os cantos da Terra.

«Segundo os cálculos feitos pelo próprio órgão católico, o novo Estado possuirá dentro de poucos anos uma população desproporcionada de 60:000 a 80:000 habitantes, entre os cidadãos residentes e os visitantes. Para acolher toda essa multidão, para evitar o mais possível que ela transborde para a cidade de Roma, terá de construir ruas, hotéis, restaurantes, onde ainda estão jardins; e essas ruas, cortadas por «eléctricos» e «autos» e marginadas por «arranha-céus» (único meio de abrigar tanta gente), recordarão um postal de Nova York colado na parede de uma minúscula saleta.»

DETECTIVE X

Não tenham pressa!

Vêm esta gentil rapariga vestida de garoto dos jornais? Tem um sorriso irresistível, tão irresistível como a leitura do jornal que ela há-de vender nas ruas de Lisboa. Esse jornal — que o



grande público reclama para já, ávido de sensações fortes — é o DETECTIVE X. Avalia-se bem a impaciência dos futuros leitores do DETECTIVE X pelos inúmeros pedidos de assinatura e pelas cartas que temos recebido perguntando-nos em que data o novo semanário iniciará a sua publicação. Não podemos proceder de afogadilho à montagem do novo jornal. Estas coisas não são tão fáceis como aos profanos parecem. Garantimos, porém, para acalmar os mais apressados, que o DETECTIVE X começará a publicar-se dentro de breves semanas e que será, com certeza, na sua especialidade, o jornal mais bem feito do país.

Uma vítima dos agiotas

(Continuação da pag. 6)

trosos e flamantes, foram-se cambando, as roupas foram ficando nos penhoristas por falta de pagamento de juros, o fatinho preto que envergava está no fio, o seu rosto apergaminha-se e o olhar desvaira. Calcurria as ruas, dias inteiros, pedindo emprêgo a este, uma esmola àquele amigo antigo, uns restos de comida aqueloutro para levar para casa — uma miserável casa de hóspedes —, onde os filhos (uma menina de treze e um pequeno de onze anos) o esperam, corrompendo-se em promiscuidades suspeitas.

Naquele domingo luminoso em que êle me contou o seu drama num banco de terceira classe do comboio eléctrico, o 184 disse-me, sem se atrever a um pedido directo:

— Vou a Cascais. Sei que mora lá o Eduardo Freitas, o nosso condiscípulo... Lembras-te?... Talvez êle me possa pagar a renda do quarto dêste mês. Senão tenho que dormir na rua com as crianças...

Então, a médo, perguntei-lhe quanto era a renda — e paguei-lha.

— Já não incomodo hoje o Freitas — disse-me. — Reservar-lhe-ei esse sacrificio para o próximo mês. Sim, para o mês que vem a minha situação não deve ser mais brilhante.

Desci na Parede. Evocando o passado distante e feliz e os anos sombrios daquela vida, o farrapo humano parecia bailar na minha imaginação um alucinante bailado. E aos meus ouvidos soava ainda aquela frase sinistra, que explicava todas as desgraças:

— Que quere Você?... Foram os agiotas.

MÁRIO DOMINGUES

CARTEIRA PERDIDA

O nosso redactor Idílio Ferreira perdeu há dias uma carteira contendo documentos que só a êle interessam, motivo porque espera que a pessoa que a encontrou tenha a gentileza de a entregar na nossa redacção.

COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTAO
vende os afamados
Tapetes de Beiriz,
falanças artísticas
e mobiliário
género antigo

Rua Ivens, 30 a 34
Telefone 2 6064

**VISADO PELA
COMISSÃO
DE CENSURA**

depressa se tornou universalmente conhecida: Hollywood.

O passado e o presente da capital do filme

Hollywood, como Los Angeles, era uma aldeia de pescadores meio mexicanos meio «yankees», cujas cabanas pobríssimas tinham sido montadas à sombra de um convento de frades espanhóis. Quando Mac Tower inaugurou o seu *studio*, Hollywood possuía apenas cento e oito habitantes: vinte frades, quarenta pescadores e família, e os restantes eram bufarinheiros, estalajadeiros ou aventureiros suspeitos. Mac Tower levava consigo, entre técnicos, artistas e operários, uma centena de pessoas. Seis meses depois essa população atingiu o quinto milhar; organizou-se um Senado municipal, composto quasi exclusivamente pelos directores das empresas, e a cidade começava a desenhar-se por entre os *studios*.

Hollywood, debruçada sobre o Pacífico (o oceano fica a dez minutos das portas da cidade), está a sete minutos de comboio eléctrico de Los Angeles, a 16 horas de S. Francisco da Califórnia; a seis dias de Nova York, e a menos de duas semanas de Lisboa.

A planta inicial da cidade pertence a um engenheiro que é dos mais antigos da cinematografia: Sam. Lower. De uma praça principal, pouco maior do que o nosso Cais do Sodré, irradiam, em forma de estrela, seis largas artérias e um amplo «boulevard», que é o Piccadilly, ou seja o Chiado de Hollywood (um Chiado incomparavelmente maior do que o nosso). Hollywood possui, ao todo, 155 ruas, 18 «boulevards», 6 avenidas, 12 praças, 22 jardins... O mais belo jardim da cidade — o Jardim Japonês — foi arranjado por um jardineiro célebre, vindo especialmente de Toquio, e dir-se-ia que o criaram já com o objectivo de o tornarem útil à cinematografia. Nos primeiros anos, era nesse jardim que se filmavam todas as películas que se passavam no Japão. Os *studios*, que são perto de 200, formando alguns verdadeiras cidades, estão todos fóra de Hollywood, abrindo-se as portas da maioria d'elles sobre uma estrada de cintura. O mais distante é o de Charlot, necessitando-se de 15 minutos de «auto» para ir da praça principal ou do «boulevard» à sua pitoresca entrada. As moradias das «estrelas» e dos «azes» foram construídas nos arredores, sobretudo numa colina que domina a cidade. O valor total d'esses «chalets», dessas «vilas» e d'esses palácios está calculado em 22.000.000 de dólares.

A população de Hollywood

É um lugar-comum dizer-se que todos os habitantes de Hollywood vivem e pertencem ao cinema. Contudo, não é fácil de acreditar-se que 400.000 pessoas — é esta a sua verdadeira população — se dediquem exclusivamente à indústria do filme. Não! Dessas 400.000, apenas 50.000 são realmente proprietários, artistas, directores, técnicos, autores, engenheiros, arquitectos, pintores, etc.. Os restantes, e são a maioria, ou vieram na esperança de entrar para os *studios* e não o conseguiram, ou são «dilettantes» platónicos, que se instalaram naquela cidade para viverem cercados pelos cineastas e para os verem e conviverem com eles; ou então vivem indirectamente do cinema, ou seja, trabalhando ou negociando com essa enorme população. Logicamente, onde se agrupam cem famílias, surge logo o negociante, que lhes vende o alimento e o fato; o médico, que lhes cuida da saúde; o sacerdote, que lhes trata do espirito; o empresário, que lhes proporciona a diversão. Assim, Holly-

Os mistérios e a decadência de Hollywood

(Continuação da página 4)

wood possui 50 hospitaes e clínicas, 10 grandes armazens, estilo Louvre... ou Grandela em ponto grande, 20 grandes Hotéis-Palaces iguais aos melhores do mundo, 200 hotéis de menor categoria, 400 pensões, incluindo as muito modestas, onde se abrigam os que... nunca encontram trabalho nos *studios*; cerca de 200 restaurantes, «bars», confeitarias, «dancings» e «cabarets»; 30 teatros de declamação e 80... cinemas, porque em Hollywood, apesar de se viver sempre num ambiente de produção de filmes... também existe público para o cinema. E são estes cinemas os primeiros que no mundo exibem as películas de Hollywood. Se acrescentarmos a esta estatística os Bancos, as casas de câmbio, os escritórios comerciais, os importadores de viveres, os fabricantes de móveis e de tecidos, etc., e se tivermos em conta o pessoal que toda esta actividade exige, compreender-se-á que nem todos os habitantes de Hollywood vivem directamente do cinema.

Dos 400.000 habitantes, apenas uma percentagem de 60 por cento (240.000) corresponde a norte-americanos de origem e a sul e centro-americanos. Os restantes estão assim divididos: ingleses, 38.000; alemães, 12.500; russos, 9.000; italianos, 14.000; japoneses, 3.500; chineses, 5.000; balcânicos, 2.000; húngaros e austriacos, 8.000; belgas, 1.000; suíços, 3.000; espanhóis, 4.000; holandeses, 4.000; franceses, 12.000; escandinavos, 3.000; negros, 15.000; árabes, 500; índios, 200; peles-vermelhas, 1.000; australianos, 200 e... portugueses... 137.

Os portugueses de Hollywood

O estudo por onde nos guiamos não nos pode detalhar quem são estes compatriotas que vivem na capital do filme. Sabemos que uns 30 ou 40 são antigos imigrantes, a maioria ilheus, que já se encontravam em várias cidades da costa do Pacífico. Quando foi o nascimento de Hollywood e que para Hollywood partiram à aventura, não seguindo o sonho da glória cinematográfica mas sim na conquista de

Assim é a vida...



O dentista: — A propósito, querido amigo; qual é a sua opinião sobre a actual situação política?

jornais mais rendosos. Dêses, apenas um terço foi recrutado pelos *studios*, onde mourejam como moços ou maquinistas, e os outros, segundo as suas profissões — barbeiros, cozinheiros, creados, «chauffeurs», etc. — se empregaram. Os restantes membros da colónia partiram do continente intoxicados pelo ópio fantástico dos reclamos das revistas, convencidos de que o Destino lhes preparava triunfos doirados no paraíso do «écran». A grande maioria, como seus irmãos de ilusão de todas as raças, por lá ficou, arrastando uma existência mediocre, obrigada a aceitar trabalhos infimos para ganhar o pão de cada dia. Um exemplo d'esses vencidos foi um discípulo nosso, Luiz de Carvalho, filho do falecido comerciante da Rua do Arsenal, R. Almeida Carvalho. Pela morte do pai, recebera uma herança pequena. Aproveitou-a para casar com uma burguezinha tão cinéfila e tão utopista como elle, e para partir com a esposa, na esperança da glória. Chegaram a Hollywood em princípios de 1927, e dêle recebemos apenas três cartas. Uma em 1927, alucinado com o que via e bêbado de confiança no futuro... Iam todas as manhãs bater à porta dos *studios*; não tinham sido atendidos ainda, mas... *se-lo-iam seguramente!* A segunda, em 1928, já tresandava a desânimo, mas ainda aparentava um pouco de ilusão. Tinham-se baptizado na luz dos *studios*... como figurantes, a 8 dólares por cabeça. Era pouco, e talvez humilhante, mas a herança estava esgotada, precisavam viver, e, quem sabia?, muitas «estrelas» haviam começado assim. A terceira e última carta era a confissão da derrota. Tinham sofrido fome autêntica. Valera-lhes um outro compatriota, que lhes arranjara emprego, mas... longe dos *studios*. Ele trabalhava como gravador, num jornal qualquer, ela como modista.

Portugueses vitoriosos em Hollywood, não os conheço. Abel Bastos da Cunha, um dos mais ditosos, ganha razoavelmente a vida, mas como secretário dum argumentista; um outro português, antigo redactor do *Noticias*, do Porto, cujo nome não nos foi revelado, vive também desafogadamente como bibliotecário dos *studios* de Cecil Miller; João Henriques, que foi aluno do Conservatório de Lisboa, na geração de Joaquim Almada, que passou despercebido e que desapareceu misteriosamente de Portugal, ganha frequentes «cachets» nos *studios*, não graças ao seu talento, mas sim... à sua fealdade... Todos estes que não passam miséria e que conseguiram entrar nos *studios* estão longe, muito longe, do triunfo, e da glória. O mais feliz de todos, o mais disputado, conhecido e enriquecido... é um negro: Frederico Xavier, natural de Benguela, que foi aluno do Liceu de Pedro Nunes e que chegou a frequentar o 2.º ano de Medicina. Depois, amalhou algum dinheiro e partiu para Hollywood. Começou como comparsa, distinguuiu-se e goza hoje certa fama. O seu último êxito foi o do papel de Jack River, no filme *The night girl*...

A decadência

Mas Hollywood entrou em franca decadência. O desemprego aumentou mais de 50 por cento nos últimos meses. A população diminui; os *studios* regressam às grandes cidades; e a capital do filme, que foi, durante 15 anos, uma Babilónia de luzes, de luxo e de sonho, começa a deruir-se, a descastelar-se... como se fosse um cenário de filme. No próximo número prosseguiremos as nossas revelações sobre os mistérios e decadência de Hollywood.

Um Arsène Lupin português

(Continuação da página 9)

estava encaminhado para uma vida honrada e tranqüila. O pai, que, entretanto, tentara reabilitar-se materialmente, sem grandes escrúpulos nos meios a seguir, ao ter notícia da «escroquerie» de Carlos modificou-se em absoluto: começou a viver de esmolas, procurando talvez na miséria e na humilhação a penitência para as suas culpas. E, agora que já sabe a história desse mendigo envergonhado, vamos ao almoço, conquanto que o aperitivo não fôsse dos mais próprios para abrir o apetite...»

Proezas do Arsène Lupin português

Imediatamente ligámos o nome à pessoa... Carlos, o filho do ex-magistrado dr. Alberto de A..., conde de E..., era o «escroc» a que a *Kriminal-Magazine* se referia. Notámos então novos pontos de contacto: o «escroc» em fóco é conhecido pela Polícia Internacional, que desconhece o seu verdadeiro nome e nacionalidade, pelo «sobriquet» de D. Carlos Estravin. Ora Carlos é o nome que o meu amigo me revelara; Estravin, o anagrama do título de nobreza paterna. Não podíamos, pois, teimar em qualquer dúvida; e, nesse caso, a história desse Arsène Lupin, desprezado semanas antes, guindava-se ao mais alto interesse jornalístico, para nós, portugueses. A sua biografia, ou antes, a sua carreira é, de facto, lamentavelmente *brilhante*; mas a sua proeza ultrapassa o seu passado.

Segundo os biógrafos deste Arsène Lupin, ele começou a ser notado pela Polícia em 1923, em França, ano em que esteve preso 48 horas apenas — sua única prisão. Fôra assaltado o palácio do ex-ministro plenipotenciário da Turquia em Paris, e os detectives suspeitaram de D. Carlos Estravin; levaram-no à Prefeitura, mas a sua defesa foi de tal eloquência que o comissário se viu na necessidade de o soltar e de lhe apresentar as suas desculpas.

«O grande sistema deste «escroc» — escreve o redactor da *Kriminal-Magazine* — é conquistar a amizade, o fanatismo até, daqueles que escolhe para vítimas; e depois de operar os golpes, que são sempre geniais, podem os polícias suspeitar d'ele que essas vítimas o defenderão sempre, sem que haja argumentos que as convençam de que D. Carlos seja o autor da façanha.»

D. Carlos nunca teve um cúmplice. Em compensação, é mestre em todos os géneros de «escroquerie» e roubo, e graças a estes dois detalhes não tem havido forma de lhe deitar a mão. Quando se preparam para obrigar um cúmplice a accusá-lo, esse cúmplice mostra-se sinceramente admirado, visto que nem suspeitava que D. Carlos fôsse um «escroc». Quando os detectives organizam uma ofensiva, julgando que ele está na fase de «rato de hotel» ou de falsificador de cheques, ei-lo num campo muito oposto, a escamotear jóias dos joalheiros ou a furtar quadros dos museus. Quando lhe cavam uma cilada em Berlim, está ele operando em Varsóvia ou em Bucarest. Desloca-se com uma facilidade de ave; e como é metódico e dispõe de algum capital, nunca tem pressa de vender os objectos roubados, que só negocia anos depois da proeza, em países muito afastados e em ocasiões em que não corra o menor risco.

A serpente de D. Carlos

Um «truc» genial de D. Carlos era o da serpente, a que se refere um jornal inglês, que já citámos. Durante muitos anos o «escroc» viajava com uma serpente — «Elena» lhe chamava elle — de dois ou três metros de comprimento, de bela pele mosqueada de verde, e que guardava dentro de uma caixa de cristal. Era tão grande o seu amor pelo reptil que não saía dos hotéis para os bailes e banquetes a que o convidavam sem primeiro lhe próprio cuidar de «Elena», pedindo leite aos creados, aquecendo-o a uma lâmpada de álcool, procurando que a temperatura fôsse sempre igual, abafando-a, nos países frios, fazendo girar ventoinhas na vizinhança da caixa, nos países quentes. Ganhou tal fama a serpente que raras eram as novas relações de D. Carlos que não lhe pedissem logo para a conhecer.

O fim de «Elena» não correspondeu à celebridade que gozou durante anos. Um dia, em Londres, Scotland Yard recebeu uma denúncia dum creado do hotel contra D. Carlos, que era, nessa altura, official balcânico não sei sob que nome terminado em *eff* ou em *off*. A Polícia fez um assalto ao quarto e, como de costume, não encontrou nem habitante nem bagagem. A única coisa que D. Carlos não conseguira salvar fôra... «Elena» e o seu «cofre». Os detectives, avisados pelo creado, que, espriando, vira o hóspede ocultar na caixa de cristal uma jóias roubadas, levaram o reptil e a caixa para Scotland Yard. Em Scotland Yard... mataram a serpente, quero dizer... tentaram matá-la, porque logo aos primeiros golpes viram que o *terrible reptil*... era um prodígio de mecânica, coberto com a pele de uma serpente autêntica mas preparada pelo sistema das serpentes carnavalescas. Ao tocarem-lhe sem medo — pudera! —, descobriram que o falso bicho possuía várias aberturas onde D. Carlos guardava os objectos roubados, seguro de que nem os colegas larapíes nem a Polícia desconfiariam nunca de tal esconderijo, e que, mesmo que desconfiassem, não usariam atacar tão feroz guardião!!! Mas mesmo assim os detectives ingleses foram derrotados, porque D. Carlos, se não tivera tempo para levar a serpente, tão pouco deixara dentro dela as jóias que a Polícia buscava.

A última proeza

A última proeza, que tão ruídosos comentários mereceu a toda a imprensa detektivesca, não é inferior, antes pelo contrário, às que já narrámos. Dois motivos levaram D. Carlos a praticá-la: primeiro, o ter-se apaixonado por uma advogada polaca; segundo, o facto da sua admirável prudência o aconselhar a mudar definitivamente de personalidade e de profissão, visto que estava, e está, rico, e que... nunca é conveniente abusar da sorte. Em resumo: D. Carlos pensou em matar D. Carlos; reaparecer na vida como se fôsse uma outra personagem, e esperar, tranqüila e honradamente, a morte, na fôfa felicidade do amor e da fortuna conquistada... sem honra mas com muito engenho. Para realizar os seus projectos, matou-se! É o *Kriminal-Magazine* que o conta: «D. Carlos vivia, há meses, num «chalet» próximo a

Baden, e a Polícia, como de costume, rondava-o, hesitante. No dia 27 de Maio, os creados vieram avisar a Polícia de que o patrão apparecera morto nos jardins de sua casa. Um médico da terra não hesitou em diagnosticar uma síncope cardíaca. Encontrado, sem dificuldade, o testamento elle confessava que o seu passado não fôra dos «mais correctos»; que morria arrependido das faltas cometidas; e que a sua última vontade era ser enterrado no pequeno cemitério de Baden, num jazigo que, com grande espanto de todos, elle comprara 15 dias antes. Fez-se o enterro, e na manhã seguinte o coveiro saiu do cemitério, berçando que tinham arrombado o jazigo de D. Carlos e que o caixão apparecera aberto... e vazio. A Polícia, como é natural, tomou conta do caso; mas nada teria descoberto se D. Carlos, ao contrário dos seus hábitos, não tivesse cometido duas imprudências: a primeira foi inspirar-se num «truc» algo semelhante ao que recentemente fôra praticado por um misterioso «escroc» francês, e que o *Detective, de Paris*, espalhára por todo o mundo, com numerosos detalhes e gravuras; e segunda, a de ter conjurado o seu plano com dois cúmplices: a noiva (a tal advogada polaca), o médico que lhe passou a certidão de óbito e lhe forneceu a droga para aparentar a morte, e o «cangalheiro» que lhe forneceu um caixão «especial» com aberturas para a respiração, depósitos para umas «sandwiches», «cognac» e água e um fecho que facilmente se manobrava do interior do ataúde. Tomada a droga, dado o alarme, passada a certidão, metido no ataúde, levado para o jazigo, D. Carlos esperou a noite, que lhe devia ser anunciada por três despertadores occultos no jazigo. A seguir, abriu o fecho, saltou para o soalho, saiu do cemitério e foi cair nos braços da noiva, que o aguardava a pouca distância, dentro de um «autos», com todo o material necessário para a metamorfose, desde a caracterização até aos passaportes. Mas o «cangalheiro», temendo as consequências da sua cumplicidade, «deu com a lingua nos dentes»; preso em consequência desta denúncia, o médico não pôde ocultar a verdade... E embora não se saiba ainda em que ponto da Terra D. Carlos foi esconder a sua nova ventura, o principal objectivo da sua proeza, que era o de *matar definitivamente* D. Carlos, fracassou, porque a Polícia continuará a procurá-lo, e agora de posse das primeiras provas do seu mau passado.

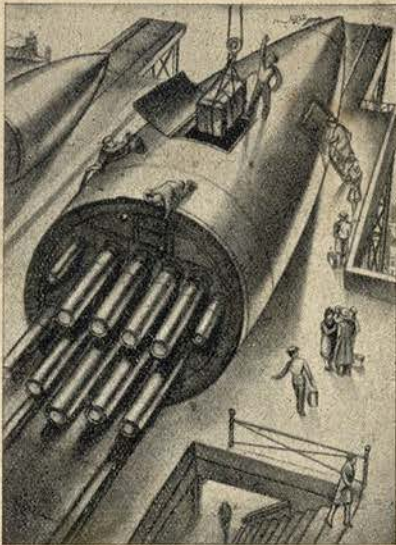
Conseguirá descobri-lo? Não sabemos... Mas embora não possamos negar a sua «mala-vita», sentimos tal simpatia por este «Arsênio Lupin português», que muito desejariamos que o deixassem... em paz.

R. X.

Os traficantes de cabeças humanas

(Continuação da pag. 5)

côco, desenhando uma linha que segue pela testa, nariz, os lábios e o queixo, de um lado, e do outro, até à nuca. Dado este golpe, abrem a cabeça, ou seja, afastam a pele como se fôsse a casca de uma laranja — mas com o cuidado suficiente para não a separar completamente em baixo — ou seja na garganta. Arrancam-lhe então toda a matéria óssea, esvazendo-a em absoluto, e enchendo-a de ervas sêcas, cuidadosamente escolhidas. A seguir cosem com fios especiais a abertura feita — de modo a não se conhecerem os pontos. Por fim, colocam a cabeça numa vasilha, cobrem-na de areia escaldante e deixam-na durante cinco dias ao sol. No fim desse prazo, despejam a areia, e a cabeça ressurge mumificada e tão reduzida que recorda um pequeno fruto — sem haver o menor vestígio das operações anteriores... Que tal lhes parece a moda?



VIAGENS DO ANO

1950

tusiasmada. Considerava-se a noiva mais feliz de todos os tempos.

A cerimónia do casamento foi rápida, sumária. Os noivos tinham pressa de abalar para a Lua... de mel. As nove horas da manhã de 15 de Abril de 1950, estava tudo a postos na *gare* transplanetária de Cascais. Vieram assistir à partida elementos representativos de todos os ramos de arte e ciência do mundo inteiro. A bala, muito segura da sua força, repousava sobre uns carris especiais e aguardava o momento supremo do disparo. Alguns engenheiros verificavam ainda o perfeito funcionamento de várias peças complicadas. O obuz seria disparado por uma descarga eléctrica de alta potência e não produziria ruído. Feitas as últimas despedidas, no meio de emoção intensa, a população daquele estranho astro que iria iniciar a sua viagem pelos espaços enterrou-se herméticamente. Uma criança gentilíssima, irmã de Electra, foi quem disparou o obuz, premindo um pequeno botão eléctrico. Sentiu-se a terra estremecer, e logo, no lugar da bala, o vácuo. Tinha partido para a mais extraordinária aventura humana. Por meio de óculos de grande alcance, os que ficaram, seguiram por muito tempo a trajectória da bala, que à distância parecia mover-se, mas que na verdade levava uma velocidade muito maior do que a do som.

Quatro meses depois deste acontecimento todos os postos de T. S. F., da Terra, recebiam esta comunicação estupenda, feita de viva voz pelo engenheiro Dinamo:

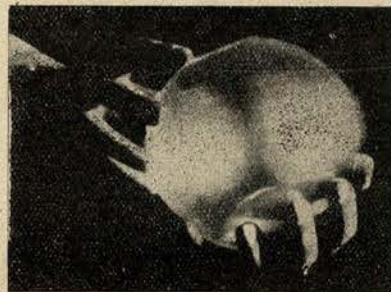
Nova Lisboa, Planeta Lua, Agosto de 1950. — Está realizada a primeira etapa do grande plano dos exploradores da Lua. Com materiais importados da Terra e com os ricos mirários lunares, ergueu-se a primeira cidade, e construiu-se a gare interplanetária, de onde partiremos hoje em viagem de regresso. As culturas ensaiadas deram óptimos resultados. A primeira serra lunar começou ontem a ser ceifada. Os colonos, contentes, consideram-se no Paraíso. Não há animais ferozes. A fauna, abundante, chega para alimentar uma população maior do que a da Terra. Vai montar-se o primeiro observatório astronómico pois a posição é admirável para o estudo de certos astros quasi ignorados na Terra. A paisagem montanhosa lembra a da Suíça. Um grupo de colonos iniciou a viagem circunlunar, comunicando com nós por meio de telefonia; têm feito descobertas maravilhosas. Os botânicos estudam a flora. Já temos um jardim público que deslumbraria os mais famosos jardineiros da Terra. Uma nova era se abre à Humanidade. Temos elementos para fundar a mais bela e original civilização humana. Chegaremos à Terra no dia 25 às 16 horas. — Electra e Dinamo.

Efectivamente, pelas 15 horas do dia 25 de Agosto de 1950, começou-se a distinguir no horizonte um objecto brilhante, que

lembrava um grande balão de prata. Aproximava-se lentamente. Os enormes pára-quadras, que se divisaram quando a distância era menor, moderavam-lhe a velocidade da descida.

Uma multidão entusiástica aclamou os arrojados exploradores da Lua, quando a bala, às 16 horas em ponto, pousou brandamente na *gare* de Cascais, de onde meses antes partira para a aventura e a incerteza. Logo que Electra e Dinamo surgiram, o povo, delirando, chorando de alegria, levou-os em triunfo, numa apoteóse nunca vista até àquela data.

Fantasia, o que acabamos de contar? Não, leitores amigos, não é fantasia. É a previsão de um grande acontecimento que se produzirá no ano de 1950. O progresso vertiginoso, que impele as ciências actuais, obriga-nos a prever este acontecimento. Há poucas semanas, dois homens viajaram durante horas fora da Terra, isto é, nos espaços interplanetários. Em Roma, o professor norte-americano Darwin O' Lyon realizou experiências com um obuz accionado por foguetes, que pôde alcançar a Lua, levando consigo vários aparelhos. Ora, se isto acontece em 1931, porque não admitir que, dentro de dezanove anos, se iniciem, por forma tão segura como a que



acabamos de descrever, as relações entre a Terra e a Lua?

Descrever das viagens interplanetárias é descrever da Humanidade, é negar, em nome do futuro, todo um passado de progresso, que vai desde o veículo roncoiro ao mais veloz avião.

G. R.

Reporter X

Encontra-se à venda em todas as boas tabacarias.

O FAMOSO PROCESSO DE M. GUINAND

História verídica de um advogado célebre que roubou milhões por amor de uma mulher que um dia levantara da lama.

A Suíça, a pacífica Suíça, modelo de países, terra de montanhas salubres e lagos tranqüilos, também teve agora, como a América, a França, a Alemanha, o seu processo sensacional: o processo de M. Guinand, que vai ser julgado, por estes dias, em Berne.

M. Guinand era um dos advogados mais célebres da Suíça. Pelo seu escritório corriam as causas mais importantes e rendosas. A voz de M. Guinand, argumentando no civil ou no crime, arrancava as absolvições mais difíceis. Era em Neuchâtel que M. Guinand subia a escada da glória, a passos firmes. Mas parece que os louros da vida forense não lhe bastavam, porque, um dia, resolveu entrar na vida comercial.



M. Guinand

Ao homem de leis, inteligente, arguto, não devia ser difícil o caminho dos negócios. Assim, deixou o culto de Thémis pelo de Mercúrio.

M. Guinand, advogado famoso, foi escolhido para administrador-delegado da Sociedade de Edições J. A., com sede em Berne, proprietária de numerosas sucursais em todo o país, e com um capital fabuloso, para aplicar em operações de grande envergadura.

Um dia...

...A administração de M. Guinand inspirou receios aos elementos dirigentes da Sociedade. As investigações que se fizeram, provaram a existência de um «deficit» de um milhão de francos. M. Guinand não se atemorizou. Pretendeu demonstrar que esse milhão fora empregado em presentes, distribuídos a elevadas personagens, cuja influência podia ser proveitosa para a Sociedade. Quando lhe pediram os nomes dessas personagens, M. Guinand negou-se a dizê-los e foi preso.

A prisão do famoso advogado causou em toda a Suíça a maior estupefação. O homem que, no fóro, ganhara milhões, podia lá perder-se por um apenas...

Reporter X em todo o mundo

O pior é que a fatalidade quando atinge alguém não o faz por uma vez só. Dias depois, o juiz encarregado da investigação recebeu uma nova queixa: os filhos e herdeiros de M. Louis Pernod, o célebre fabricante, acusavam M. Guinand de roubo, burla, abuso de confiança e falsificação. Só isto. Segundo os acusadores, M. Guinand cometera aqueles delitos quando, ainda advogado famoso, foi executor testamentário de Louis Pernod, a quem soubera inspirar a maior confiança...

Esta nova denúncia causou ainda mais sensação do que a primeira, porque M. Guinand, além de advogado, era deputado do Grande Conselho de Neuchâtel, e a sua prisão levantou grande celeuma; tamanha, que o «leader» socialista Paul Graber, conselheiro nacional, foi processado por haver feito, no jornal «A Sentinela», uma persistente campanha contra o Ministério Público. Os delitos de M. Guinand converteram-se, a breve trecho, num verdadeiro escândalo parlamentar.

E a fatalidade prosseguiu a sua obra... Passada a efervescência causada pelas duas importantes denúncias, surgiu uma terceira: a Sociedade de Bibliotecas do Estado Belga acusava M. Guinand de desvio de importantes somas, com a cumplicidade dos seus dois co-administradores, os belgas Dewith e Ellaers. Desta vez eram três milhões de francos.

Deu-se, então, um fenómeno curioso: arrefeceu o escândalo. M. Guinand atingia a celebridade do crime mais facilmente do que adquirira a do fóro. O advogado famoso tornara-se um delinqüente famosíssimo.

E aconteceu o inevitável: denúncias, mais denúncias, um inferno para os organizadores do processo. A cifra das burlas e roubos crescia de hora a hora. E eram sempre milhões, milhões, milhões...

★ ★ ★

Agora, que o processo vai a julgamento, começa a fazer-se uma pergunta inquietante, doentia, que traz o país preocupado: onde gastou M. Guinand tantos milhões? Onde os guarda?

Porque a verdade é esta: M. Guinand era, aparentemente, uma pessoa de vida regular. Ninguém lhe conhecia aventuras. Inventam-se as histórias mais inverosímeis. M. Guinand é, simultaneamente, um filantropo e um grande burlão. As mulheres, em especial, defendem M. Guinand. Porquê? Talvez porque um dia, segundo afirma um dos seus creados, M. Guinand recolheu, numa viela, uma rapariga faminta, que é hoje uma das mulheres mais ricas de Berne...

Os milhões! O amor! Sempre o eterno mistério.

A verdade, a dura verdade é que M. Guinand, advogado famoso, não pode defen-

ATRAVÉS DOS ESPAÇOS INFINITOS

Um aparelho maravilhoso para transmissão de imagens ou notícias

A maior glória do século presente é, sem a menor sombra de dúvida, a da descoberta estupenda, que maravilhariam os nossos avós, da transmissão do som e das imagens através de ondas invisíveis e impalpáveis. A telegrafia, a radiofonia e a televisão constituem hoje um dos mais valiosos tesouros da Humanidade. O espírito guerreiro, o selvagem que reside ainda no âmago das almas civilizadas, logo se aproveitaram destas descobertas para as colocar ao serviço da destruição e da mor-



Como a comunicação é recebida pelo aparelho inimigo que a intercepta

te. Através dos espaços já se transmitem planos, cartas de Estado Maior, com pormenores exactos, desde as mais variadas e sinuosas curvas de estrada, desde a inclinação do terreno até à posição que o inimigo ocupa. Mas o inimigo podia interceptar essas comunicações secretas, usando um aparelho receptor idêntico ao do seu adversário. Surge, porém, o sr. Belin, que pôs o seu génio inventivo ao serviço da guerra e construiu um aparelho que transmite as imagens mais perfeitas, mas de forma que qualquer aparelho receptor que subrepticamente se queira apoderar da transmissão não obtenha senão uma confusão de pontinhos, absolutamente incompreensível.

Como a comunicação é recebida pelo aparelho a que se destina

O que o sr. Belin não sabe, porém, é que o seu invento também serve a causa pacífica do jornalismo, pois habilita os correspondentes dos jornais a transmitirem às redacções as suas notícias, sem que o aparelho receptor de outra gazeta rival as intercepte e as publique.

der-se a si próprio. Despojaram-no do título. Terá de contentar-se com a defesa de um advogado menos célebre e menos sabedor.

Se ele pudesse defender-se, teria certa a absolvição.

M. Guinand, porém, não falará. O silêncio é uma das armas preferidas pelos fortes.

NOVELA N.º 25

Quinta-feira, 23 de Julho de 1931

◆ O jardim das ◆
flôres envenenadas

SENSACIONALÍSSIMO
ORIGINAL DE REPORTER X
LEIAM
